

Coluna do Castello

Convenções dizem o que são os partidos

As convenções partidárias de ontem (PSDB) e de hoje (PTB e PDC) são bem um retrato da estrutura política do país. Os *tucanos* pretendiam ser a mais autêntica proposta de um moderno partido social-democrata de centro-esquerda e por isso mesmo seus fundadores abandonaram a geléia geral do PMDB para buscar sua própria identidade doutrinária e política. O PTB nasceu como um esforço de antigos getulistas de renovar a mensagem no ocaso do regime militar e por sua fundação disputaram Leonel Brizola e Ivete Vargas, com a vitória da última graças aos bons ofícios do general Golbery do Couto e Silva. Brizola partiu para sua própria agremiação trabalhista, o PDT, instrumento da sua campanha pela presidência da República. O PDC, também uma legenda antiga, nasceu sem a graça da democracia cristã que em 1946 motivara Montoro, Queiroz Filho, Paulo de Tarso e outros discípulos do padre Lebrez. É uma simples legenda de ocasião cujos ocupantes conquistaram o governo de Tocantins e aos quais se somaram depois os governadores do Amazonas e do Maranhão, além de políticos descontentes com o PMDB, como o senador Mauro Borges.



Para não fugir à regra, o PSDB compareceu à sua convenção dividido e escolheu seu candidato a vice-presidente, o honrado Roberto Magalhães, sob o protesto de Cristina Tavares, sua co-fundadora em Pernambuco, cuja executiva estadual preside. Ela é expressão do que seria uma facção xiita dos *tucanos*, os quais, malgrado a correção da sua proposta e a idoneidade das suas bancadas parlamentares, vão caindo na vala comum do oportunismo eleitoral. Cristina assume no PSDB a postura que no PMDB cabe a Chico Pinto. Embora sagrada no santuário liberal da Rua Dona Mariana, a candidatura de Roberto Magalhães teria sido propiciada pelas artes de irrequieto banqueiro. Chega-se a pensar se a fundação desse partido que tanto apelo oferece a estudantes, jornalistas e intelectuais, não terá sido menos motivada pelas divergências doutrinárias e de comportamento do que pelo justificável desejo de abrir uma sucursal válida para os parlamentares que em São Paulo e em Minas Gerais sentiram suas carreiras bloqueadas por Orestes Quêrcia e Newton Cardoso.

O PTB, como disse, é a parte do extinto MDB que quis manter viva a legenda de Getúlio Vargas. Começou por resgatar a ambiguidade ~~tradicional~~, vencendo suas batalhas judiciais sob o patrocínio político do sistema dominante e terminou prisioneira de um dissidente do PMDB, antigo ministro de Tancredo-Sarney, que mantém incólume para suas investidas paranaenses no próximo ano. Ela negou respaldo a Jânio Quadros, um antigo aliado, fugiu à fusão com o brizolismo que pretendeu restaurar a unidade trabalhista, e mantém uma autonomia ociosa para servir a interesses eleitorais dos que a controlam, mesmo perdendo adesões como a de Roberto Magalhães, uma das forças alternativas da política pernambucana a quem o partido deixou na contingência de optar por Brizola ou por Mário Covas.

Já o PDC, a que deu expressão a força política que liderou a formação do novo estado de Tocantins, além de representar o governador e a bancada federal desse estado, serviu de abrigo para governadores dissidentes do PMDB, Amazonino Mendes, do Amazonas, e Epitácio Cafeteira, do Maranhão. A política desses dois estados diz bem do que é hoje a vida partidária do país. Do caos nela instalado e da escassa representatividade de todas as legendas. O Amazonas, como se recorda, foi longamente dominado por Gilberto Mestrinho, do velho PTB, casado pelos militares e que veio a renascer no PMDB. Elegeu-se governador e elegeu seu sucessor, o dito Amazonino, que dele se separou. Candidato a prefeito de Manaus, perdeu a eleição para o filho do líder trabalhista Artur Virgílio, acolhido sob a legenda do PSB. Além de Mestrinho, a principal figura do PMDB amazonense parece ser Bernardo Cabral, o qual teria perdido as razões de estar feliz ao lado de Ulysses Guimarães. O que lá pode acontecer este ano é imprevisível, pois todos se voltam ali para 1990.

No Maranhão, o PMDB, que em coligação com o PFL elegeu o governador Epitácio Cafeteira, desfez-se dessa aliança, deixou que o governador, hostilizado pelo anti-sarneyismo, abandonasse a legenda e não soube reter o apoio dos deputados Jaime Santana e Haroldo Sabóia, que foram buscar sua autenticidade na legenda do PSDB. Resultado: o PDT de Brizola elegeu o prefeito de São Luís e o PMDB tem hoje apenas duas expressões nacionais, Renato Archer, seu principal dirigente, e o deputado Cid Carvalho, presidente da Comissão de Orçamento da Câmara. Como lá, à semelhança do que ocorre um pouco por toda a parte, a política gira em torno de ambições locais, a falta de unidade de partidos não tem muita importância. Os partidos não têm importância. O que importa é reunir forças que, ao lado de Sarney ou contra Sarney, possam disputar no próximo ano o governo do estado.

Carlos Castello Branco